CONTOS E LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DANIELA BARBATO

RESUMO

O estudo tem como objetivo refletir como os professores avaliam a atividade de contar histórias, como realizam essas atividades, qual o papel que representam em suas práticas pedagógicas e quais as suas próprias experiências de vida com relação às histórias infantis envolvendo o poder da psicanálise. O trabalho visa ampliar os conhecimentos acerca da literatura infantil no ambiente escolar, sua natureza, seu processo e consequência para a vida das crianças, mostra-se fundamental a todos os educadores que desejam oferecer um ensino de qualidade.

Palavras-chave: Educação; Contos; Leitura; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste artigo é compreender de que maneira a contação de histórias apresenta-se como uma estratégica didática aos educadores, para introduzir a literatura no mundo infantil e juvenil, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e criativos. Quando contamos histórias para as crianças é o momento em que se entra em contato com o que é mais pessoal, mais privativo do ser humano. Só podemos ter cuidado ao selecionar o texto, quando temos um bom repertório. O professor precisa conhecer as narrativas para tê-las em mãos e fazer uma boa escolha. Há necessidade de parâmetros, para escolher um bom texto, cujas partes estão bem articuladas, é fundamental.

Por isso, se faz necessário um cuidado na hora de escolher qual livro as crianças devem ler. Um livro mal escolhido faz com que a criança perca a curiosidade, encanto e o sonho que um bom livro deve trazer. Essa é uma das principais razões que fazem as pessoas não gostar de ler.

Escrever um livro para crianças exige muito mais que príncipes e princesas. O que vai chamar a atenção para a leitura não são apenas as ilustrações ou a quantidade de páginas, os primeiros parágrafos é que despertarão a vontade de continuar a ler, eles devem criar enlaces para os parágrafos seguintes de forma que a criança tenha sempre um motivo a mais para seguir em frente, ou seja, criando um novo pensamento a cada página virada.

Ao entrar na escola, o aluno desde criança passa a estabelecer uma íntima relação com os livros, pois estes vêm ao encontro do seu mundo de fantasias. Elas, então, têm prazer em aprender a ler para desvendar o mistério de tudo que está escrito nos livros. Há um esforço por parte dos professores, pais e, principalmente, da criança nesse processo.

A escola deve oferecer uma educação de qualidade para todos, independentemente de suas capacidades ou de suas deficiências. Um dos grandes desafios como educadora é saber como lidar com os desafios que a sala de aula nos traz atualmente. Nos antigos sistemas de ensino os alunos eram considerados homogêneos e não havia a necessidade de se adequar àquele aluno que apresentasse algum tipo de dificuldade, apenas quem se adaptasse aos métodos e a didática ali apresentada permanência no sistema educacional.

O fato é que o movimento mundial da educação inclusiva para todos proporcionou a abertura para alunos com diagnóstico de autismo ou demais transtornos serem vistos e discutidos dentro do sistema de ensino também. Mesmo apresentando dificuldades no desenvolvimento (comunicação, comportamental, motor) o aluno deve ser atendido e recebido pelas escolas, que precisam oferecer a ele condições de desenvolvimento e permanência.

A literatura oferece em alguma de suas manifestações, respostas que possam dar sentido à existência humana. Por meio de suas obras, oferece o conhecimento de fatos que permeiam ou permearam acontecimentos seculares que influenciam a sociedade atual. Enfim, a literatura faz um resgate histórico de vários momentos literários mundiais e como estes influenciaram a literatura brasileira.

APRENDENDO POR BASE DA LITERATURA INFANTIL

A leitura foi criada para o prazer e não ser imposta como dever, pois o livro é um contador de história, e a estimulação do leitor faz com que o autor tenha mais inspiração, criando novos personagens e novos episódios. Esta interrelação entre o livro e o leitor é muito forte, o leitor se comporta como um verdadeiro leitor, digamos até que, um cúmplice do próprio texto.

O direito de não ler, não se deve considerar a leitura uma obrigação, o importante é oferecer às crianças a oportunidade de aprender a ler.

O direito de pular páginas, o leitor tem o direito de pular páginas que não acha interessante para a sua leitura.

O direito de reler, o reler pode aconte-

cer mediante as várias situações, mas todas elas remetem à gratuidade de novamente se inteirar com o mesmo texto.

O direito de ler o que quiser condenar um leitor, porque lê o que para os pedagogos não é um bom texto, é o mesmo que não se lembrar da sua própria adolescência, e impedir que mais tarde este jovem leitor chegue por sua conta aos grandes textos.

As razões pelas quais levam o homem a ler são próprias e ninguém pode se sentir no direito de pedir um prestar contas dessa intimidade estabelecida. Como exemplo disso, temos as novas tecnologias informatizadas em suma à internet que indiretamente, fez uma grande revolução tanto na escrita como na leitura, criando novos estilos de linguagens.

A internet vem mudando nossa relação com a escrita e a leitura, naquilo que é basicamente um ambiente de texto. No entanto ela está criando uma nova linguagem, baseada não só em termos técnicos e de comunicação usados na internet, mas também em símbolos e siglas, que são utilizados para a comunicação (AGUERROUND, 2007, p. 7).

Na verdade, a internet exige a leitura para uma comunicação por meio da escrita. Portanto, essas habilidades tornam-se cada vez mais importantes. Nem toda leitura de mundo é correta. Leituras equivocadas podem levar os desastres políticos. Alunos chegam à escola com leituras equivocadas sobre o funcionamento do universo, da natureza ou da sociedade. O mesmo ocorre no mundo da alfabetização.

Para Vygotsky (2002, p. 4), um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro.

A literatura infantil que encontramos nos acervos de hoje são riquíssimas em conteúdos, que auxiliam a quem a utiliza a lidar com diversas questões que surgem no decorrer de um processo de aprendizagem. Dessa forma, ajudam a criança a ver de uma maneira nítida o que o mundo oferece, facilitando sua organização interna.

"A literatura, por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo, e desse modo possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança." (CADERMATORI, 1991, p.18).

Devido as obras de literatura infantil se apresentarem em grandes quantidades, resolvi fazer um recorte sobre os Contos de Fadas, pois estes atraem, a meu ver, pelo fato de estarem bem mais próximos do lado psicológico do que qualquer outra obra.

Os contos de fadas, em essência podem ser considerados como pequenas obras de artes, que apresentam em seu enredo temáticas capazes de nos envolver e mexer com o emocional. Despertam nosso psiquismo, pois de maneira fantasiosa lida com questões do cotidiano, permitindo que nos identifiquemos com estas, sem medo da exposição.

Os contos surgem sempre carregados de conteúdos conflituosos, ou é a perda de um ente querido, a inveja da madrasta, o abandono dos pais, a rejeição etc. Enfim, fatos que são vivenciados pelas crianças, e que por meio dos personagens são desmistificados e solucionados

Podemos perceber que diante do entendimento infantil, os contos de fadas ensinam sobre os problemas interiores dos seres humanos e simultaneamente apontam possíveis soluções para tais conflitos. Os contos de fadas auxiliam a criança a vencer as dificuldades com base em algo irracional e a curtos passos. Entretanto, os passos indicados dentro de uma viajem nos contos de fadas servem como organizadores de sentimentos que se divergem dentro da criança, fazendo com que esta perceba de forma singela, por meio da abstração a importância de tudo o que está passando.

"Os contos de fadas, num sentido mais profundo do que os outros tipos de leitura começam onde a criança realmente se encontra, no seu ser psicológico e emocional". (NOGUEIRA, 2005, pág. 19).

A repetição dos contos auxilia segundo a psicanálise na construção da personalidade, mediante o mundo simbólico, pois os contos conseguem fazer nos conhecer e compreender melhor a nós mesmos. Enfim, sua estrutura leva-nos ao encontro do que se esconde no inconsciente, gerando um desenvolvimento, pois o psiquismo da criança acaba sendo ativado, devido ao fato de no decorrer da história se confrontar com suas próprias problemáticas.

Mais uma vez nesse momento vejo a necessidade de falar um pouco mais detalhadamente de alguns termos diante dos olhos da psicanálise. Como citei anteriormente, Freud é o nome que se destaca quando o assunto é psicanálise, e este artigo não teria sentido, se não levasse em consideração a significância dos contos para a psicologia.

Dessa forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo. Aqui ressaltamos não só a linguagem verbal, mas também a linguagem não verbal que, para as crianças, têm uma grande importância e significado. Por muitas vezes a voz que lê a história por si só não chama a atenção e o despertar da criança. Todo o gestual que vem com a con-

tação de histórias, o tom da voz, a imitação dos personagens, faz uma linguagem especial que atrai a criança e é fundamental para a melhoria de sua compreensão.

Sobre a importância da utilização do lúdico como estratégia de aprendizagem para as crianças da educação infantil, Moreno (2009), salienta que as crianças nesta fase são capazes de receber sugestões e condicionamentos que as levam ao desenvolvimento de sua identidade, da cognição, de habilidades, da oralidade e da expressão, portanto, cabe ao professor oferecer aos alunos uma grande quantidade de recursos pedagógicos que os estimulem nos processos de aprendizagem.

Este autor acima citado salienta ainda que, quando um professor conta uma história, expressando-se com o uso de voz e gestos, de uma forma a imitar o personagem, ora rindo, ora chorando, faz com que os alunos viajem nas asas da imaginação de um mundo mágico e inesquecível.

Para Corso (2005), ao dizer que "a capacidade simbólica está na raiz dos processos de aprendizagem mais essenciais à efetivação da humanidade de cada um, sendo, sem dúvida pré-requisito para todas as aprendizagens escolares."

A respeito do papel dos contos de fadas, Silva (2007), faz referência às concepções do desenvolvimento infantil nas áreas de psicanálise e da psicologia analítica, trazendo como referências Bruno Bettelheim e Von Franz.

Sendo que o objetivo do trabalho foi investigar a possibilidade de os educadores usarem os contos de fadas e sonhos como mediadores no processo de aprendizagem, pois, para os autores, "[...] ao considerar o ser humano como sujeito biológico, cognitivo e emocional, esses dois temas pertinentes à infância podem contribuir na formação do sujeito".

O conto de fada é uma narrativa quem que temos, narrador, personagens, informações sobre o tempo, o espaço, cronologia de fatos entre outros elementos que ajuda a criança a desenvolver o pensamento. Junto a isso o conto de fada traz a presença do maravilhoso: atos e atitudes que são vistos neste gênero e que desperta a curiosidade e a criatividade das crianças na infância.

Devemos, porém, definir o que vem a ser a infância, este período da vida de todos nós, que tanto nos agrega valores e que estes nos acompanharão para todas as fases do nosso desenvolvimento.

A psicanalista Ângela Maria Bouth fez um estudo sobre as cantigas-de-roda brasileiras, fazendo uma articulação das mesmas com os pensamentos do psicanalista Bruno Bettelheim. Este foi um Psicólogo austríaco nascido em Viena, de grande destaque histórico nos estudos sobre crianças com problemas mentais. Iniciou, seus estudos com crianças vítimas de distúrbios emocionais graves, principalmente as autistas. Foi um dos especialistas que mais se debruçou sobre o estudo da influência dos contos de fadas. Para ele a grande diferença entre este tipo de contos e os modernos é que os primeiros, ao contrário dos segundos, não remetem apenas para o encantamento, tratando também de problemas existenciais, algo que permanece inalterável com a passagem do tempo (BRÉSCIA, 2003).

Assim como os contos de fadas foram utilizados por Bruno Bettelheim em psicanálise com crianças, as cantigas têm sido usadas por alguns musicoterapeutas, pois apresentam, tanto quanto os contos, possibilidade de encontrar soluções para os conflitos internos das crianças.

Sendo assim, Bouth (1989, p.72) enfatiza," [...] a brincadeira-de-roda possui conteúdo similar ao dos contos-de-fada alimentando a imaginação e a fantasia, oferecendo à pessoa em desenvolvimento a oportunidade de encontrar a sua própria solução para conflitos internos [...]".

Ao escolher uma cantiga no grupo de brincadeiras, a criança estaria fazendo-o de maneira condizente com a sua situação interna naquele momento, buscando uma comunicação com os seus conteúdos mais profundos, assim como uma maneira de elaborá-los. A brincadeira de roda possibilita um distanciamento adequado por parte da criança em relação aos seus próprios conteúdos inconscientes, dando- -lhe a oportunidade de ter algum domínio sobre eles. Isso suscita um processo de fortificação do ego (BOUTH, 1989).

CONTOS E O PODER DE INCLUIR

O Parecer n. 017/2001 do Conselho Nacional de Educação reconhece que, A consciência do direito de constituir uma identidade própria e do reconhecimento da identidade do outro se traduz no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias, com vistas à busca da igualdade. O princípio da equidade reconhece a diferença e a necessidade de haver condições diferenciadas para o processo educacional (BRASIL, 2001, p.11).

Dessa forma, a escola é um espaço onde se concentra muitos jovens em desenvolvimento da construção de identidade, ou seja, é um local propício para que possamos diminuir a discriminação e as diversas formas preconceituosas. Para alcançar a aprendizagem para todos os indivíduos, a educação de inclusão necessita estar engajada em um sistema responsável, permitindo que desen-

cadeiam sentimentos de respeito aos ditos diferentes, sendo solidários e participantes. Segundo Mantoan (1997):

Por outro lado, esses estudos exigem da escola novos procedimentos de ensino e aprendizagem, concebidos a partir de uma mudança de atitudes dos professores e da própria instituição, reduzindo todo o conservadorismo de suas práticas, em direção de uma educação verdadeiramente interessada em atender às necessidades que, ora mais, ora menos, todos os aprendizes demonstram. Esse esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais do ensino fundamental tem como consequência natural a inclusão escolar e garante o cumprimento do princípio democrático de "educação para todos", que só se concretiza nos sistemas educacionais especializados em todos os alunos e não apenas em alguns deles, os deficientes (MANTOAN, 1997, p.116).

Os indivíduos apresentam diversificadas características comportamentais que influenciam as suas ações na sociedade. A nossa formação enquanto pessoa ocorre por meio dos conhecimentos que adquirimos no convívio com outros atores sociais. Nesta concepção de Santos (2008, p.18) refletir sobre inclusão parte do entendimento de que a inclusão é a ideia que todas as crianças, sem exceção, têm direito à educação juntamente com outras crianças em um mesmo ambiente escolar, sem que a instituição queira requisitos para o acesso, sem a seleção dos alunos, mas, que seja uma escola com garantias ao acesso e a estadia de todos os membros.

Dessa maneira, alunos advindos dos mais diferentes ambientes, com culturas e formas de vida diferenciadas, necessitam ser acolhidos, respeitados e educados da mesma maneira, sem nenhuma distinção. Para Pabis e Martins (2014, p. 10) é possível encontrar numa mesma turma, alunos vindos dos mais variados grupos sociais, com diferentes níveis econômicos pertencentes a diversas etnias, e até aqueles cujas famílias fizeram parte dos movimentos que estimulam no Brasil após redemocratização do país.

A busca por uma instituição de qualidade, objetiva uma educação que garanta a emancipação e humanização do aluno, entretanto, é fundamental que o sistema de ensino lute por uma educação para todos, com enforque as diversidades presentes em seu contexto. Não é um trabalho tranquilo, no entanto, exige transformações no sistema e exige mudanças consideráveis na visão dos comprometidos, refletindo sobre as adaptações da criança ao contexto escolar (MANTOAN, 2005).

Ao discutir sobre a inclusão na escola, é essencial que se pense em modificar a estrutura, o funcionamento e a resposta educativa, tornando a escola um espaço para que todas as diferenças sejam aceitas, e não referindo somente aos alunos com necessidades educacionais especiais. Nessa perspectiva, para revelar esse quadro de discriminação e preconceito que está agregado socialmente no Brasil, é importante que a sociedade civil manifeste expectativas de mudança. A população deve reivindicar de forma organizada para transformar o país em um lugar que aceita as diversidades, e faça isso valer, para que os cidadãos e cidadãs respeitem as diferenças e tenham direitos iguais, independentemente da região geográfica, situação econômica, gênero, cor da pele, etnia a qual pertença etc. (MANTOAN, 2005).

Segundo Santos (2008), a diversidade, entendida como construção histórica, social, cultural e política das diferenças, realiza-se em meio às relações de poder e ao crescimento das desigualdades e da crise econômica que se acentuam no contexto nacional e internacional. Não se pode negar, nesse debate, os efeitos da desigualdade socioeconômica sobre toda o meio social e, em especial, sobre os coletivos sociais considerados diversos.

Para o autor (2008), no Brasil, as discussões sobre os temas como diversidade, diferenças, cultura, na educação, aumentaram desde a Lei nº 10.639/03, tornando obrigatório no contexto educacional o ensino de história da cultura afro-brasileira e africana, além da Lei nº 11.645/08 que constitui a questão indígena nos currículos escolares.

Na concepção de Gadotti (1992, p. 21), "A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de suas crianças para o entendimento de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo muito mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em parceria com a leitura abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino.

Faço tal afirmação diante da base teórica da psicanálise, onde encontramos a formação da estrutura psíquica, citada anteriormente, e que nos mostra a maneira que tudo acontece, ou seja, os sentimentos e emoções vão se organizando com a ajuda de uma parte integrante da estrutura psíquica, no caso, o ID que é o princípio do prazer, que se fortalece com a ajuda da imaginação.

Os contos de fadas influenciam realmente na estruturação psíquica da criança, pois fortalecem o indivíduo para que enfrente suas dificuldades na tentativa de elaborá-las.

Um trabalho apoiado neste tipo de literatura, onde a fantasia e a imaginação co-

mandam, facilita o contato com sentimentos e afetos que se misturam internamente, causando confusões na cabeça da criança, tornando possível uma organização desta, permeada por identificações e projeções com os personagens da história.

Por fim, a utilização dos contos de fadas como instrumento de trabalho pode facilitar o entendimento de professores, psicopedagogos, com respeito as dificuldades de aprendizagem de crianças que carregam no seu íntimo, borbulhando profundamente, sentimentos que a confundem, portanto como aprender na escola, se não aprendeu a se conhecer, a conviver e enfrentar seus conflitos.

Os contos de fadas apontam em seus enredos as situações vividas diariamente por muitos, que quando se deparam com isso e se projetam na fantasia, acabam passando a buscar a compreensão, e a ter maior segurança, pois começam a explorar o seu interior por meio da fantasia e da imaginação.

No decorrer deste trabalho, observa-se que não podemos abrir mão da Literatura infantil, pois, é através dela que o conhecimento chega as crianças tão pequenas. Com a literatura infantil, desenvolvemos a imaginação, a criatividade e o cognitivo mesmo quando as crianças não são alfabetizadas.

Não podemos esgotar um assunto tão vasto e rico como a leitura na educação infantil, mas levantar reflexões e apontar alguns caminhos para esse resgate como tema principal nas escolas, que ficou em segundo plano, momento de distração no cotidiano de milhares de crianças.

Nós educadores devemos repensar nossas práticas e promover, no cotidiano escolar a discussão sobre a pluralidade cultural do povo brasileiro, por meio das atividades de leitura, com objetivo de ampliar a formação do profissional da educação, no que se refere à indicação e leitura de livros adequados para cada uma das diferentes faixas etárias.

Acreditamos, que podemos realmente levar muitas crianças a ampliar e educar seus olhares para a leitura e para a arte (literatura), a se transformar em leitores plurais, em cidadãos mais preparados para a vida em sociedade que acima de tudo, esteja de mente aberta e disponível para aprender com as possibilidades de leitura de mundo e de vida que uma criança pode ensinar, construindo esse conhecimento por meio da leitura de bons livros e com professores bem preparados para atividades diárias no espaço escolar.

A escola deve ser o local do saber e do bem, a construção da cidadania crítica e ativa demanda conhecimento, reflexão, análise, discussão, prática de intervenção na realidade.

O professor deve ter uma boa dose de ousadia, devemos construir o conhecimento escolar a partir da realidade, estabelecendo relações entre textos e contextos, exercitar a escrita e o diálogo, provocar reflexões e questionamentos, motivar a criatividade dos educandos, tendo consciência de que compreender o mundo exige compreender o lugar e a sociedade que se vive.

REFERÊNCIAS

ARROYO, L. Literatura Infantil Brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

ARROYO, L. Ofício de Mestre: Imagens e Autoimagens. Petrópolis, Vozes, 2000.

AZEVEDO, Ricardo. Livros para crianças e Literatura infantil: convergências e divergências. Boletim da FNLIJ, jan./99.

BARBOSA, M. C.; HORN, M. G. S. Projetos pedagógicos na Educação Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

BOUTH, Ângela M. A Senhora Dona Sancha Descubra o Seu Rosto. In Boletim Científico da Soc. Psicanalista do Rio de Janeiro. [200-?].

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil? São Paulo: Moderna, 1997.

CANTARELLI, A. Literatura infantil: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2003.

CASCUDO, Câmara - Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia. 1988.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Por que Arte-Educação? São Paulo: Papirus, 19. ed. 2008.

MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MORENO, Leonel de Alencar. O lúdico e a contação de histórias na

educação infantil. Florianópolis: Artmed, 2009.

SILVA, Flávia Savoia Dias. Contos de Fadas... Um universo de

Aprendizagem? São Paulo: Moderna, 2007.

TAFURI, Johannella. O desenvolvimento musical através do canto na etapa

infantil. In: IX ENCONTRO ANUAL DA ABEM. Anais do IX Encontro anual da ABEM, Belém, 2000.

ZIMMERMANN, Nilsa. A música através dos tempos. São Paulo: Paulinas,

1996.